

O APARENTE E O OCULTO NAS RELAÇÕES COM OS MORTOS NO SEMIÁRIDO CEARENSE¹

Antonio Renaldo Gomes Pereira²
Antonio George Lopes Paulino³

RESUMO

O artigo apresenta aspectos da vida do sertanejo refletidos no sagrado e amparados, de certa forma, na religiosidade popular que possui características híbridas e traços plurais. Parte de uma visão histórica e cultural do culto aos mortos e das suas características influenciadas pela religiosidade ao longo do tempo. Ponderamos sobre as adversidades enfrentadas pelo camponês nos municípios de Cariré, Meruoca e Ibiapina, sobretudo a escassez de água que é ressignificada e passa a refletir de forma direta no trato com os mortos. O falecimento à beira da estrada dá origem a covas simples com cruzeiros ou pequenos túmulos em homenagem aos mortos. Nessas sepulturas, as pessoas do povoado ofertam garrafinhas de água na tentativa de saciar uma sede que, segundo eles, seria “uma sede eterna”. Constatamos, assim, a importância dada ao elemento água nos rituais fúnebres e até mesmo como manutenção de vínculo com os mortos na tentativa de satisfazer ou reparar algum sofrimento vivenciado pelo indivíduo nos seus últimos momentos.

Palavras-chave

Água; Culto aos mortos; Semiárido.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos da vida do sertanejo refletidos no sagrado e amparados, de certa forma, na religiosidade popular que possui características híbridas e traços plurais. Partimos de uma visão histórica e cultural do culto aos mortos e das suas características, iniciando em culturas mais antigas, e por fim, o culto aos mortos em comunidades do semiárido cearense. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com habitantes de trinta e seis povoados situados nos municípios de Cariré, Meruoca e Ibiapina, região norte do Ceará, onde este tipo de atividade votiva ocorre com frequência. Ponderamos sobre as adversidades enfrentadas

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Mestrando em Antropologia no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB, bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), licenciado em Ciências Sociais (UFC) e pesquisador do Laboratório de Antropologia e Imagem (LAI). E-mail: renaldogomes@live.com

³ Professor Adjunto IV no Departamento de Ciências Sociais da UFC, dedicado ao ensino e à pesquisa em Antropologia. Membro do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFC. Coordenador Adjunto do Laboratório de Antropologia e Imagem – LAI/UFC. E-mail: antoniogeorge_lopespaulino@yahoo.com.br

pelo camponês, sobretudo a escassez de água que é ressignificada e passa a refletir de forma direta no trato com os mortos, em especial, os que têm uma morte por ‘causa desconhecida’ onde é apontada como causa real do falecimento a sede enquanto se deslocava de uma comunidade à outra, tendo em vista a distância, resultando em uma morte agonizante e solitária. A água assume caráter de maior valor votivo ao ser ofertada ao morto, tendo em vista sua importância entre os vivos da localidade que enfrentam cotidianamente a escassez da mesma.

O falecimento à beira da estrada dá origem a covas comuns com cruzeiros ou pequenos túmulos em homenagem aos mortos. Nessas sepulturas, as pessoas do povoado colocam garrafinhas de água na tentativa de saciar uma sede que, segundo eles, seria “uma sede eterna”. Nossa hipótese inicial é de que essa tradição seja o resultado do hibridismo entre culturas indígenas, europeias e africanas que ao longo do tempo se solidificaram no imaginário reconstruindo a memória coletiva local e, hoje, se apresenta como um evento original, posto que se desenvolve em um ambiente geograficamente diferenciado habitado por um povo singular imbuído numa religiosidade expressivamente plural, do qual surgiram ramificações dentro do próprio culto sendo possível verificar óticas distintas sobre o papel da água dentro do ritual.

Apresentamos algumas interpretações antropológicas de culto aos mortos, observando como este se constitui em um “ritual votivo”, no qual cada oferenda aos mortos institui categorias de sujeitos, bem como constroem-se simbolismos a partir da memória que se tem do falecido.

Nesta perspectiva, pesquisadores como Cunha (1978) e Santos (2005) nos ajudam a compreender preliminarmente, de um ponto de vista socioantropológico, o “culto aos mortos”, um ritual votivo em que se ofertam comidas e bebidas que variam de acordo com o ambiente, região, tradição e memória coletiva.

Abordaremos questões relativas a este tipo de culto aos mortos, dentre as quais têm destaque aquelas que se referem à ressignificação e elevação do elemento água ao nível máximo como oferenda dentro do ritual e o que motiva os devotos a realizarem tal feito. Salientamos que as atitudes e representações em torno da morte são concepções de uma sociedade particular com costumes que se coletivizaram (Santos, 2005, p.59).

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração. Estes três temas estão presentes nas tradições mais antigas e formam as combinações imaginárias mais variadas e, ao mesmo tempo, as mais coerentes (Chevalier, 1986, p. 52). Constatamos,

assim, a importância dada ao elemento água nos rituais fúnebres e até mesmo como manutenção de vínculo com os mortos na tentativa de satisfazer ou reparar algum sofrimento vivenciado pelo indivíduo nos seus últimos momentos.

A MORTE E O CULTO AOS MORTOS

A morte se mostra como um fenômeno ambíguo que desperta sentimentos diversos: medo, curiosidade, silêncio, dor, alívio. Pode-se dizer que cada época define maior ou menor proximidade a uma dessas formas de responder à temporalidade da existência humana. Ao longo da história das civilizações, diversas crenças entraram e saíram de cena, mas o medo da morte, dos “primitivos” aos “civilizados”, parece perpassar todas as civilizações, mudando apenas as formas de se temê-la (Chiavenato, 1998).

A morte não se define apenas pelo fim da existência corporal, pois ela não é determinada unicamente por sua natureza fisiológica. A morte física não é suficiente para realizar a morte nas consciências (Rodrigues, 2007), pois o processo de lembrar e de cultuar os mortos são formas de presença no mundo que evidenciam laços entre memória e tradição, entre o indivíduo e seu mundo social.

A morte enquanto um processo puramente fisiológico é um acontecimento universalmente conhecido. Mas ao se revelar como uma expressão do limite e da temporalidade da existência humana torna-se um fenômeno de infinitas concepções, crenças, significados que se naturalizam em cada contexto histórico e cultural. Nesse sentido, um estudo sobre o fenômeno da morte exige, antes de tudo, uma compreensão das relações culturais as quais oferecem aos indivíduos instrumentos para enfrentarem desde as mais simples até as mais profundas questões humanas, seja através da religião, da ciência, da filosofia ou da arte.

O culto aos mortos é uma herança de culturas outras, sobretudo as indígenas e europeias, trazendo um elemento que não é novo em si, mas a forma com que se apresenta dá esse caráter de singularidade. Nos sertões do semiárido cearense, na tentativa de suprir uma necessidade do morto que em seus últimos momentos viveu a agonia causada pela sede, os populares oferecem água aos mortos em suas sepulturas à beira da estrada ou mesmo no cemitério. A água assume relevância no ritual devido a sua importância para o sertanejo. Tendo em vista a escassez, ela ganha significado

especial ao longo de gerações e passa a ser empregada com maior frequência no culto aos mortos tornando-se elemento essencial nesta atividade.

A relação que os vivos mantêm com os mortos reflete características socioculturais de cada sociedade. Mitos, ritos e crenças sobre a morte se entrelaçam e marcam presença de diversas formas em todas as culturas demarcando maneiras de viver e de relacionar-se com a morte e os mortos.

No culto aos mortos, “ao mesmo tempo que se estabelece a certeza da inevitabilidade da morte e de seus efeitos místicos, pressupõe uma série de aparatos capazes de redefinir a situação do morto e dos vivos que o honram com suas preces e penitências” (Teixeira, 2009).

Manuela Carneiro da Cunha (1978) relata que entre os Krahó, tribo indígena do Tocantins, há uma refeição póstuma, assim “como entre os Canelas e os Apinayé, se o morto morreu com fome, após ter passado por vários dias de agonia, seu *karõ* há de vir pedir por intermédio de um curador, uma última refeição”. Esta “refeição póstuma satisfaz uma fome que não fora saciada em vida” (p. 40-41).

Enquanto que, entre os Krahó, se prezava como oferendas votivas as comidas, o sertanejo oferece o que se tem de mais valioso, a água que ganha significado especial e passa a ser empregado com maior frequência nas relações com aos mortos tornando-se elemento essencial nessa atividade. A água é para o morto no semiárido, em certa medida, o que o vinho era no culto aos mortos na Grécia Antiga. Este elemento assume características espirituais e passa a ser consumido pelo espírito do morto. Segundo Cunha (1978), na oferenda aos mortos, “o *karõ* só consome o *karõ* dos alimentos e não altera seu suporte físico” (p. 40-41). A expressão *karõ*, uma parte não material presente em cada ente, segundo a autora, o termo abrange entre seus *denotata* a fotografia, o reflexo, “toda imagem do corpo” e acrescenta que poderíamos traduzir *karõ* por “duplo”.

A oferenda se apresenta como parte central das relações com os mortos neste caso em específico, a água aparece como parte da oferenda em quase todo tipo de culto ou religião, mas o que propomos é o estudo de um culto em que a água é o principal, senão o único, elemento ofertado pelos vivos nas relações com os mortos no semiárido cearense. Este tipo específico de culto aos mortos foi observado nos municípios de Ibiapina, Cariré e Meruoca e no decorrer da pesquisa constatamos que um ritual semelhante ocorre no Vale do Jaguaribe e Sertão Central, desta forma resolvemos classificar como relações com os mortos no semiárido cearense.

De acordo com Cunha (1978, p. 112), o conjunto de representações relativas ao destino *post mortem* do homem faz parte de uma herança cultural, de um acervo da sociedade. É partilhando deste ponto de vista analítico que abordaremos o culto aos mortos enfatizando o tipo de oferenda empreendida no ritual.

Queremos atentar para a resistência de um ritual de culto aos mortos no qual se emprega um elemento tão caro à vida do sertanejo como principal oferta votiva nas relações com os mortos.

METODOLOGIA

Para compreender o culto aos mortos a partir da relação mediada pela água entendendo as relações culturais que se estabelecem entre vivos e mortos, seus afetos, desejos, memórias e tradições, utilizamos como principais técnicas de pesquisa a incursão etnográfica e a realização de entrevistas semiestruturadas com moradores das comunidades e praticantes deste tipo específico de relação com os mortos.

A partir da constatação de atividade que remetem a presença de um ritual de culto aos mortos nos municípios cearenses de Ibiapina, Cariré e Meruoca podemos indagar às pessoas que habitualmente praticam atividades características do tipo de culto em questão sobre suas determinações em dedicar seu tempo e ofertar bebida ao morto. Interessa-nos apreender, através da experiência etnográfica, as circunstâncias, temporalidades e motivações a fim de pôr aos sujeitos questões que nos possibilitem explicar e interpretar as particularidades de um culto aos mortos no qual a água tornou-se o elemento capaz de atender a diversas expectativas, como saciar uma ‘sede eterna’, pacificar um espírito ou até mesmo purificar o ambiente em que o túmulo está localizado.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A separação entre vida e morte aparece como um dos desdobramentos da segregação das esferas onde os indivíduos agem e interagem, assim como a perda e diminuição da influência dos valores e costumes preestabelecidos e da tradição. Tal postura diante da morte levou à atitude de negação e distanciamento dos vivos diante de qualquer tipo de referência à morte e ao morrer (Ariès, 1982; Chiavenato, 1998).

Segundo Elias (2001), as sociedades tradicionais são caracterizadas pela presença de ritos de passagem, crenças no sobrenatural, por uma organização pública das relações e pelo seu caráter coletivo. Com a ideia de impulso civilizatório, a partir do

qual acontecem as transformações no curso do desenvolvimento social, Elias faz uma separação entre sociedades tradicionais e sociedades modernas para marcar as diferenças de relações com a morte nessas duas sociedades.

Contudo, ao compreender a modernização como um processo (Berger & Luckmann, 2004), no qual elementos de sociedades modernas e sociedades tradicionais convivem, cabe ressaltar que as atitudes características dessas sociedades diante do fenômeno da morte igualmente coexistem. Seja de uma maneira mais direta, através de vivências cotidianas compartilhadas, ou mais indiretamente, por meio de objetos ou lugares convencionados a abrigar a memória, os mortos permanecem ocupando um lugar e uma referência importante na vida social nos diversos contextos socioculturais. Tratar de morte é, por vezes, solitário, assim como o ato de morrer. “Verdade que a própria palavra morte, não sendo bela, tem, contudo a sua dignidade; tanto ela como as que dependem do seu radical: morto, mortal, mortalidade. Porém, todos os demais vocábulos que com a morte se relacionem, quando não são o simplesmente horrível, são ligeira ou pesadamente sobre o grotesco” (Queiroz, 2002).

No semiárido cearense, as relações com os mortos apresentam características híbridas e traços plurais. Formada a partir de uma cultura católica ibérica colonial, a sociedade local desenvolveu percepções e costumes próprios em relação ao ato de morrer e aos procedimentos dos vivos no tocante aos preparos para o ‘derradeiro’ momento do óbito e para os rituais que deveriam ser realizados a fim de assegurar ao morto uma passagem tranquila para a ‘outra vida’. Entretanto, as condições locais, o ambiente e as especificidades da colonização, determinaram uma série de procedimentos e comportamentos próprios para esses momentos, que viriam a caracterizar as posturas culturais regionais em relação à morte e aos rituais que a ela são associados.

Em pesquisa exploratória realizada em setembro de 2016, nos municípios de Ibiapina, Cariré e Meruoca, verificamos, mesmo que de forma superficial, que a importância dada à água pelo camponês no semiárido cearense, motivada, em grande parte, pela escassez de água vivenciada cotidianamente, é ressignificada e passa a refletir de forma direta no trato com os mortos, em especial, os que têm uma morte por ‘causa desconhecida’. Essas mortes à beira da estrada dão origem a covas simples constituídas de pequenas elevações de terra com cruzeiros ou pequenos túmulos em homenagem aos mortos. A comunidade aponta como razão para esse tipo de morte, a sede. O que chama a atenção é o fato de as pessoas do povoado local colocarem

garrafinhas de água sobre a sepultura na tentativa de saciar uma sede que, segundo nossos informantes, seria “uma sede eterna”. Mantém-se um vínculo com os mortos na tentativa de satisfazer, reparar algum sofrimento vivenciado pelo indivíduo nos seus últimos momentos ou pacificar o espírito. Nesta relação, a água se apresenta como elemento votivo essencial nas relações entre vivos e mortos.

A Antropologia da Morte aponta para as mais diversificadas formas de culto aos mortos sobre os quais se realizam análises de um ponto de vista amplo em relação às normas, meios de realização e oferendas. Entre as oferendas mais comuns, estão os grandes banquetes ora ofertados como última refeição a fim de despedir-se da alma do morto e fazê-lo entender que sua permanência no seio familiar encerra-se ali e que deverá seguir outro caminho, reconhecendo, assim, sua condição de finado (Viertler, 1991) ou uma refeição final com o intuito de saciar a fome que o morto passou nos seus últimos dias em vida e porventura tenham motivado o encerramento da mesma (Cunha, 1978).

Todavia, aqui neste trabalho, apontamos a prevalência do uso da água como principal e, por vezes, único elemento ofertado ao finado na ânsia de “matar a sede do morto”. A água é uma preocupação diária do sertanejo, tanto que a falta dela vai além da vida, ou mesmo, torna-se o motivo pelo qual a vida esvaiu-se. Ao ser consultada sobre o motivo de haver garrafinhas de água na sepultura de alguém, a interlocutora diz que “as pessoas colocam água porque acreditam que a morte tenha ocorrido devido a sede no momento em que o indivíduo se deslocava de uma comunidade à outra”. Embora saibamos que não se morre de sede tão repentinamente, entendemos que a falta de água foi uma das necessidades pela qual o indivíduo passou nos últimos instantes de vida e por isso ela se apresenta como principal elemento votivo e por vezes único e insubstituível.

Autores de diferentes orientações discutiram este tema, todavia, cada um fez a partir de interesses e realidades particulares. Enquanto Durkheim (2003) demonstra que os ritos fúnebres e as práticas mortuárias se dedicam ao fortalecimento da estrutura social de cada grupo, afirmando que o sistema religioso converge para a preservação do próprio social. Philippe Ariès (2003), por seu turno, teoriza sobre a *morte do outro*, quando o homem ocidental procura um novo sentido para a morte. A partir de então, o indivíduo se desprende um pouco mais de seu fim, sendo a morte do outro mais cultuada. Sentimentos de saudade e lembrança propiciam um novo culto à morte, o culto aos túmulos e cemitérios, que passam a ser o espaço dos enterramentos modernos.

Ariès alega que a morte, a partir do século XVI ganha o mundo do imaginário e passa a ser erotizada, associada ao amor literário, ao querer o outro para sempre consigo (a imortalidade).

Marcel Mauss (2005), em “*A expressão obrigatória dos sentimentos*” trata dos rituais funerários nos cultos australianos, demonstra que todos esses rituais são fenômenos sociais “marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade e da obrigação mais perfeita” (p. 325). Esses signos podem ser entendidos como as formas de socialização da morte; entre eles o choro, os cânticos, os cortejos fúnebres e as oferendas.

Cunha (1978) e Santos (2005) apropriam-se dos teóricos acima mencionados, elaborando uma síntese de suas ideias, empreendem criativa análise que pode ser apropriada, reservadas suas particularidades históricas e empíricas, à compreensão da ocorrência do ritual de culto aos mortos no semiárido cearense. Enquanto Cunha (1978) analisa o ritual funerário e tratamento que se dá ao morto seguido pelas oferendas ao *karõ* em uma comunidade indígena, Santos (2005) se dedica sobre o estudo do imaginário e das atitudes perante a morte, as representações da morte e práticas mortuárias em uma região específica, no caso, o Seridó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se constata é a presença de ritos resultante de um processo de hibridismo cultural e religioso que apresenta elementos de nações ameríndias, dos cultos africanos, do Catolicismo, do paganismo e antigas tradições europeias. Um culto para evocar a imortalidade da alma e a perpetuidade da vida. O culto aos mortos no semiárido cearense constitui-se de ideias desenvolvidas e herdadas por várias gerações em “um movimento de troca no interior e entre as culturas”. “A hermenêutica, tanto da vida quanto da morte, é mediada pela trama dialógica entre subjetividades, pela concretude das relações sociais cujas possibilidades se alocam entre referenciais provenientes das várias formações culturais” (Vilhena, 2004, p. 104-5).

Durante as entrevistas, observamos nas residências de informantes altares de santos, algo comum entre os brasileiros e tantos outros povos, a mistura de panteões para além do católico, onde Iemanjá figura entre outras imagens tradicionais do Catolicismo e é reconhecida pela entrevistada como uma santa que faz parte do mesmo meio, não sendo vista como personagem de outra religião, mas como uma das faces da própria Nossa Senhora e acrescenta que mantê-la junto aos outros acaba gerando certo

desconforto devido às inúmeras perguntas dos curiosos baseadas na presença dela entre os outros; ou mesmo sobre a maneira e local de culto, como quando verificamos uma estátua de uns quinze centímetros, rodeada de flores, embaixo de uma pedra á beira da estrada em frente à casa de uma devota.

As concepções elaboradas no imaginário popular acerca da oferenda dada aos mortos mudam de local para local. Ela é diferenciada seguindo critérios locais, da religião adotada pelo indivíduo que presta a ‘homenagem’, do grau de parentesco, da memória que se tem do morto e, principalmente, do nível de importância que é dado à água baseado, segundo observações próprias, no nível de escassez em que se apresenta na comunidade. As memórias dos praticantes são parte de um sistema de representações que pode traduzir práticas expressivas da objetivação das formas de ser da vida social, captadas e compreendidas num âmbito muito particular.

Nas narrações, encontramos motivos diferenciados para o uso da água nos túmulos e covas. Ela aparece como elemento votivo para satisfazer uma “sede eterna”, para acalmar um espírito violento ou mesmo pra manter vínculos de afetividade e/ou favorecimento. Para além da água, objetos, utensílios, acessórios, brinquedos e comidas foram mencionados como oferendas aos mortos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. Trad. M. L. Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno. Tradução: Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CHEVALIER, Jean. Diccionario de los símbolos. Barcelona: Editorial Herder. 1986.

CHIAVENATO, Júlio José. A morte: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MAUSS, Marcell. Ensaios de Sociologia / Marcel Mauss; Tradução: Luiz João Gaio e J. Guinz-burg. São Paulo: Perspectiva, 2005.

QUEIROZ, Rachel. Culto aos mortos. In: Academia Brasileira de Letras, 2002. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/culto-aos-mortos>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

RODRIGUES, José. Carlos. A morte numa perspectiva antropológica. In: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana. (Orgs.), A arte de morrer: visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2007.

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. Temp(1)o da salvação: representações da morte e ritos fúnebres no Seridó nos Séculos XVIII e XIX. Inter-legere, Natal, Nº 5, p. 46-65, 2005.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. A morte e o culto aos mortos nas tradições populares de Rondônia. Saber Científico, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez., 2009.

VIERTLER, Renate Brigitte. A refeição das almas: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo, Mato Grosso / Renate Brigitte Viertler. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

VILHENA, Maria Angela. Os mortos estão vivos: traços da religiosidade brasileira. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 3(2), p. 103-131, 2004.